



*Isso não é coisa
de velha/a!*

É QUEM DIZ O QUE É PRA SER?

Reflexões sobre o envelhecimento à luz da diversidade



AUTORIA

Thaysa Kelly Neves de Lima

Mestra em Serviço Social (UFAL). Graduada em Serviço Social (UFAL).
Especialista em Gerontologia Social (UFAL). Integrante da Comissão Técnica do
Movimento Vidas Idosas Importam.

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Victor Sotero

MOVIMENTO VIDAS IDOSAS IMPORTAM, BRASIL, 2021.

Em homenagem ao Dia Internacional da Pessoa Idosa

"Dia da Pessoa Idosa é todos os dias e por muitos anos. Envelhecemos todos os dias e quando nos damos conta foram anos de vida. Aos 60 anos completamos 21.900 dias. O desejo não se conta por dias. O amor não se conta por dias. Os direitos não se contam por dias. São permanentes na vida e na velhice. Que permaneçam e se fortaleçam o desejo, o amor e os direitos em todas as vidas e sejam comemorados no dia internacional da pessoa idosa."

Vicente de Paula Faleiros, 2021

O processo de envelhecimento populacional é um fenômeno mundial, e o ritmo dessa transição demográfica tem ocorrido de forma ainda mais acelerada. No Brasil, em especial, este processo apresenta-se de forma bastante expressiva.

Quando pensamos na velhice quase sempre nos remetemos imediatamente às questões biológicas, porém, tratar deste tema necessita de um estudo aprofundado das determinações que influenciam diretamente na forma como a velhice é compreendida e vivenciada, tais determinações estão relacionadas ao fato de que o processo de envelhecimento ocorre de forma diferente para cada indivíduo a depender do gênero, raça, grupo social, orientação sexual, das condições materiais, histórias de vida, suas experiências

e as características próprias do contexto social no qual este se insere.

Entender sobre a velhice mostra a importância de reconhecê-la como uma construção histórico-social e também do quanto o discurso construído e reforçado ao longo do tempo, monta uma representação da velhice pelos próprios velhos e pela sociedade em geral. Os estereótipos construídos sobre a velhice são em grande parte negativos, desse modo, quando substituímos a palavra velho por outras que compreendemos ser menos carregadas negativamente, no sentido do que se compreende enquanto velhice, não mudamos a situação do velho na sociedade. Esta condição só poderá ser alterada se mudarmos as atitudes e a visão que temos deste processo, para que não continuemos a gerar velhices excluídas socialmente.

Quando compreendemos que o processo de envelhecimento é algo natural e a velhice é mais uma fase da vida, entendemos que como nas outras fases, cada indivíduo apresenta potencialidades e limitações e, com isso, as possibilidades são diversas assim como as velhices são. Somos seres plurais e quando envelhecemos isso não muda, portanto não há como enquadrar as pessoas idosas em padrões de modos de ser por estar velha/o.

Ultrapassar esse lugar-comum da velhice, esse padrão que define o que é ou não é coisa de velho ser ou fazer, direcionado por imagens e discursos quase sempre limitantes, é de uma ousadia necessária na sociedade em que vivemos, onde a desigualdade social já estipula tantas barreiras.

"Limites são fronteiras, não são barreiras. Uma barreira é aquilo que impede. Uma fronteira é aquilo que delimita e você pode ultrapassar."

Mario Sérgio Cortella (Filósofo)

O processo de envelhecimento não ocorre de forma equivalente para cada indivíduo, ao envelhecer as pessoas se deparam com mudanças e perdas biopsicossociais que podem gerar fragilidades. Mas cada fase da vida vai apresentar suas potencialidades e suas limitações. Estamos em constante processo de construção e reconstrução, nesse sentido, as limitações não precisam se transformar em impedimentos, é possível ressignificar, reinventar e buscar novas formas de ser e fazer.

"Ninguém ignora tudo, ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre."

Paulo Freire (Educador)

É imprescindível que ao olhar para o indivíduo que envelhece, o reconheçamos como alguém que possui uma trajetória de vida, que durante seu percurso adquiriu experiências e para cada pessoa isso acontecerá de forma única. Portanto, os conhecimentos adquiridos podem ser associados, acrescentados e ressignificados. Ninguém sabe tanto que não tenha mais nada a aprender e ninguém é tão inexperiente que não tenha nada para ensinar. O processo de aprendizagem é constante e também vai ocorrer de formas diferentes para cada pessoa e em cada fase da vida.

"O meu passado é a referência que me projeta e que eu devo ultrapassar. Portanto, ao meu passado, eu devo o meu saber e a minha ignorância, as minhas necessidades, as minhas relações, a minha cultura e o meu corpo. Hoje, que espaço o meu passado deixa para a minha liberdade hoje?"

Simone de Beauvoir (Escritora)

A velhice será o somatório de uma trajetória de vida, de tudo aquilo que foi sendo acumulado e também de tudo aquilo que foi sendo modificado ou deixado para trás. Todas as vivências, as relações, as percepções de mundo de si mesmo e o que foi construído a partir de tudo isto irá atravessar o processo de envelhecimento. Mas esse passado é uma referência para o futuro que se deseja. A velhice também é momento de realizar projetos de vida, é necessário vislumbrar o futuro que se espera e movimentar-se para as possibilidades a construir.

"Não tenho problema com minhas rugas. Meu rosto reflete a minha vida, a minha alma, o que amei, o que sofri... Eu me gosto assim."

Laura Cardoso (Atriz)

Vivemos em uma sociedade que prega a necessidade de permanecermos jovens e a beleza também é associada a essa fase da vida. Numa sociedade em que a figura da pessoa idosa remete a inatividade, inutilidade, improdutividade entre outros, qualquer associação a essa fase da vida é negada e mascarada. Não há problema em querer disfarçar as rugas, mas também não há problema em querer tê-las. São mudanças físicas naturais. Deixá-las visíveis ou não, deve ser por escolha própria e não por uma cobrança da sociedade. O que importa é estar bem consigo.

"Existem seis mitos sobre a velhice: a) Que ela é uma doença, um desastre; b) Que somos estúpidos; c) Que não transamos; d) Que somos inúteis; e) Que somos impotentes; e f) Que todos somos iguais."

Maggie Kuhn (Fundadora do Movimento Panteras Cinzas)

É difícil envelhecer em uma sociedade que define tantos estereótipos e preconceitos com relação à velhice. A educação para o envelhecimento se apresenta de forma mais urgente quando entendemos os desafios relacionados a esta questão. As perspectivas acerca da velhice são permeadas por estereótipos negativos e isso se explica pela construção histórico-social. Será possível vislumbrar mudanças de comportamentos preconceituosos com relação à velhice quando a sociedade de forma geral, mas também a própria/o velha/o perceber o envelhecimento como natural, e que assim como as outras fases da vida, tem vários desafios e possibilidades.

É possível construir novos significados para a velhice, e parte disso é entender que estamos em processo de envelhecimento desde o início, e que é ao longo desse processo que a velhice vai sendo configurada. As pessoas costumam dizer que velhice não presta, que tem doenças e perdas, é verdade, tem também. Mas não é regra! A velhice é parte da existência de quem vive bastante, mas ela é parte de um percurso de vida.

É preciso pensar num processo de ruptura dessas amarras impostas, dos estereótipos, preconceitos e definições do modo de ser velho ou velha. Quem dita como tem que ser a pessoa idosa? Por que de tantas definições?

Desse modo, em constante processo de construção e reconstrução de si e do meio em que vivemos, poderemos pensar em nossa trajetória, sendo a velhice parte desse processo, enxergando as possibilidades apesar das limitações que possam vir a surgir, dando condições para a pluralidade dos envelhecimentos e para a diversidade das velhices.

"Nunca é tarde demais para ser o que você poderia ter sido."
George Elliot
(pseudônimo de Mary Ann Evans. A escritora assinava com nome masculino para ser mais creditada em sua época)



VIDAS IDOSAS IMPORTAM